



A COMUNICAÇÃO VIRTUAL SEGUNDO LÉVY E BAUDRILLARD

Prof. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho.

Doutor em Sociologia (FFLCH/USP).

Professor de Pós-Graduação da
Faculdade de Comunicação Social
Cásper Líbero.

RESUMO: O propósito deste trabalho é avaliar a contribuição de Pierre Lévy e Jean Baudrillard para a elaboração de uma teoria da comunicação virtual. Para cumprir esta finalidade, analisamos as obras *O Que É O Virtual?* de Pierre Lévy e *Simulacros e Simulação* e *Tela Total* de Jean Baudrillard. Os seguintes aspectos orientaram a abordagem destas obras: as relações entre a comunicação virtual e as características da sociedade contemporânea, a diferenciação entre o virtual e o real, a dimensão econômica da comunicação virtual e o seu posicionamento diante da problemática da temporalidade. Os autores investigados desenvolvem interpretações contraditórias a respeito destes elementos, por eles abordados de maneira unilateral.

Palavras-chaves: comunicação virtual; teoria da comunicação; sociedade contemporânea

A utilização, cada vez mais intensa, dos recursos da informática para a produção e a circulação de mensagens torna necessária a reflexão sobre as características da comunicação virtual. Este artigo abordará dois dos seus principais intérpretes, os pensadores franceses Pierre Lévy e Jean Baudrillard.⁽¹⁾ Trata-se de analisar, a partir destes autores, de que maneira a virtualização altera as características dos processos comunicacionais. Pretende-se avaliar a contribuição destes pensadores para a elaboração de uma teoria da comunicação virtual.

Lévy e Baudrillard situam a comunicação virtual no interior de processos sociais mais amplos. Lévy (1996:17) caracteriza a contemporaneidade como um momento de mutação do processo de hominização (autocriação da espécie humana), sendo o desenvolvimento da linguagem um aspecto essencial deste processo. Baudrillard (1991:104) defende o ponto de vista

de que vivemos o fim da era moderna e do projeto de uma comunicação racional (predomínio da absorção dos conteúdos sobre a valorização das formas).

Para Lévy, a comunicação virtual é um elemento de um processo que abrange toda a vida social:

“Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do “nós”: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual... Embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização.”(Pierre Lévy, 1996:11)

Baudrillard interpreta a expansão da comunicação virtual como um elemento da implosão do social:

“(...) A extensão incondicional do virtual (que não inclui somente as novas imagens ou a simulação a distância, mas todo o ciberespaço da geofinança (Ignacio Ramonet) e o da multimídia e das auto-estradas da informação) determina a desertificação sem precedentes do espaço real e de tudo o que nos cerca. Isso valerá para as auto-estradas da informação e também para as de circulação. Anulação da paisagem, desertificação do território, abolição das distinções reais. O que até agora se limita ao físico e ao geográfico, no caso de nossas auto-estradas, tomará toda a sua dimensão no campo eletrônico com a abolição das distâncias mentais e a compressão absoluta do tempo.(...) Podemos nos perguntar de resto se já não ultrapassamos esse limiar (do fenômeno da massa crítica) e se a catástrofe da informação já não ocorreu, na medida em que a profusão multimidiática de dados se auto-anula e que o balanço em termos de substância objetiva da informação já é negativo. Há um precedente com o social: o patamar da massa social crítica já está amplamente ultrapassado com a expansão populacional, das redes de controle, de socialização, de comunicação, de

interatividade, com a extrapolação do social-total – provocando desde agora a implosão da esfera real do social e de seu conceito. Quando tudo é social, súbito nada mais o é.”(Jean Baudrillard, 1997:24,25)

Como pode ser percebido pela citação acima, Baudrillard analisa a comunicação virtual estabelecendo um confronto entre o virtual (mundo artificial criado pelas mídias) e o real, pois a expansão do virtual dá-se às custas do real, que se esvazia (desertifica-se, nas palavras do autor). A comunicação virtual, ao potencializar a produção e circulação de mensagens (informação), anularia o próprio processo comunicacional, entendido como transmissão e absorção de conteúdos. A comunicação é um elemento decisivo do projeto da modernidade de instauração do social (controle racional dos comportamentos sociais) :

“Em toda parte é suposto que a informação produz uma circulação acelerada do sentido, uma mais-valia de sentido homólogo à mais-valia econômica que provém da rotação acelerada do capital. A informação é dada como criadora de comunicação(...) Somos todos cúmplices deste mito. É o alfa e o ômega da nossa modernidade, sem o qual a credibilidade da nossa organização social se afundaria. Ora o fato é que ela se afunda, e por este mesmo motivo. Pois onde pensamos que a informação produz sentido, é o oposto que se verifica.(...) Assim a informação dissolve o sentido e dissolve o social numa espécie de nebulosa votada, não de todo a um aumento de inovação mas, muito pelo contrário, à entropia total. Assim, os media são produtores não da socialização mas do seu contrário, da implosão do social nas massas.”(Jean Baudrillard, 1991:104,106)

A comunicação virtual, na concepção de Baudrillard, estabelece uma ruptura (implosão) no próprio processo comunicacional, pois leva às últimas consequências o seu caráter auto-destrutivo. O virtual potencializou a natureza artificial, simulacional, hiper-real (mais “real do que o real), do processo comunicacional .(2) Visando a absorção do conteúdo das mensagens, a mídia transformou a comunicação em espetáculo. A massa absorveu o espetáculo (a dimensão

formal das mensagens) mas deixou de lado o conteúdo que se pretendia transmitir. A era da comunicação virtual é o fim da era da comunicação.

A transformação da comunicação em espetáculo significa que somos incapazes de viver experiências reais, tudo é vivido antecipadamente de forma virtual: antes de nos alimentarmos, consumimos a forma dos alimentos nas fotografias dos cardápios (disponíveis até na Internet); antes de escolhermos os candidatos em quem votaremos, nos identificamos com a forma com que apresentam sua campanha na mídia, etc etc.

A precedência das imagens (da dimensão formal, dos significantes) frente à realidade inviabiliza a circulação social do sentido, pondo um fim à comunicação e à era moderna. Esta é a interpretação de Baudrillard sobre a comunicação virtual. Mas será que Pierre Lévy pensa o processo de virtualização da mesma forma?

Difícilmente poderíamos encontrar uma outra postura tão contrária à interpretação de Baudrillard quanto a visão de Lévy. A divergência começa pelo próprio conceito de virtual. Lévy rejeita a polarização virtual/real, trabalhando com a diferenciação entre o real e o possível e entre o atual e o virtual:

“A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal.(...) Aqui, cabe introduzir uma distinção capital entre possível e virtual que Gilles Deleuze trouxe à luz em *Différance et repetition*. O possível já está todo constituído, mas permanece no limbo. O possível se realizará sem que nada mude em sua determinação nem em sua natureza. É um real fantasmático, latente. O possível é exatamente como o real: só lhe falta a existência. A realização de um possível não é uma criação, no sentido pleno do termo, pois a criação implica também a produção inovadora de uma idéia ou de uma forma. A diferença entre possível e real é, portanto, puramente lógica.

Já o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que

acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização.(...) A atualização aparece então como a solução de um problema, uma solução que não estava contida previamente no enunciado. A atualização é criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades.”(Pierre Lévy, 1996:15,16)

Enquanto Baudrillard entende o virtual como o esvaziamento do real e o fim da comunicação, Lévy interpreta o virtual como o exercício da criatividade e a garantia da permanência dos processos comunicacionais. Para Baudrillard, o virtual significa o fim do sentido, para Lévy é a criação de novos sentidos: a virtualização seria uma característica da própria comunicação (da linguagem), estando presente desde o momento em que a humanidade passou a produzir textos:

“Desde suas origens mesopotâmicas, o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico. Essa entidade virtual atualiza-se em múltiplas versões , traduções, edições, exemplares e cópias. Ao interpretar, ao dar sentido ao texto aqui e agora, o leitor leva adiante essa cascata de atualizações. Falo especificamente de atualização no que diz respeito à leitura, e não da realização, que seria uma seleção entre possibilidades preestabelecidas. Face à configuração de estímulos, de coerções e de tensões que o texto propõe, a leitura resolve de maneira inventiva e sempre singular o problema do sentido. A inteligência do leitor levanta por cima das páginas vazias uma paisagem semântica móvel e acidentada.”(Pierre Lévy, 1996: 35)

A comunicação informatizada, particularmente a que ocorre no interior de redes de computadores, significa uma mutação no processo de criação de novos sentidos, pois esta capacidade humana expandiu-se enormemente, modificando-se também qualitativamente (desenvolvimento da interatividade) :

“O texto contemporâneo, alimentando correspondências on line e conferências eletrônicas, correndo em redes, fluido, desterritorializado, mergulhado no meio oceânico do

ciberespaço, esse texto dinâmico reconstitui, mas de outro modo e numa escala infinitamente superior, a copresença da mensagem e de seu contexto vivo que caracteriza a comunicação oral. De novo os critérios mudam. Reaproximam-se daqueles do diálogo ou da conversação : pertinência em função do momento, dos leitores e dos lugares virtuais; brevidade, graças à possibilidade de apontar imediatamente as referências ; eficiência, pois prestar serviço ao leitor (e em particular ajudá-lo a navegar) é o melhor meio de ser reconhecido sob o dilúvio informacional.”(Pierre Lévy, 1996:39)

Estabelecer um confronto entre as interpretações de Lévy e Baudrillard a respeito da comunicação virtual é comparar visões diametralmente opostas: Lévy interpreta a produção e circulação de mensagens no interior das redes de computadores como um elemento-chave de uma sociedade em mutação. A virtualização passa a ser um processo articulador de toda a vida social, marcada cada vez mais pela ruptura dos limites espaço-temporais. A desterritorialização é o aspecto central da contemporaneidade:

“A economia contemporânea é um economia da desterritorialização ou da virtualização. O principal setor mundial em volume de negócios, lembremos, é o do turismo: viagens, hotéis, restaurantes. A humanidade jamais dedicou tantos recursos a não estar presente, a comer, dormir, viver fora de sua casa, a se afastar de seu domicílio. Se acrescentarmos ao volume de negócios do turismo propriamente dito o das indústrias que fabricam veículos, carburantes para os veículos e infraestruturas, chegaremos a cerca da metade da atividade econômica mundial a serviço do transporte. O comércio e a distribuição, por sua vez, fazem viajar signos e coisas. Os meios de comunicação eletrônicos e digitais não substituíram o transporte físico, muito pelo contrário: comunicação e transporte fazem parte da mesma onda de virtualização geral.”(Pierre Lévy, 1996: 51)

De acordo com Lévy, a desterritorialização está vinculada à financeirização da economia e à transformação da informação e do conhecimento nas principais fontes de produção de riqueza:

“O setor financeiro, coração pulsante da economia mundial, é sem dúvida uma das atividades mais características da escalada da virtualização. A moeda, que é a base das finanças, dessincronizou e deslocalizou em grande escala o trabalho, a transação comercial e o consumo, que por muito tempo intervieram nas mesmas unidades de tempo e lugar. (...)

Os bancos de dados on line, sistemas especialistas e outros instrumentos informáticos tornam cada vez mais transparentes a si mesmos os “raciocínios do mercado”. As finanças internacionais desenvolvem-se em estreita simbiose com as redes e as tecnologia de suporte digital. Elas tendem a uma espécie de inteligência coletiva distribuída para a qual o dinheiro e a informação progressivamente se equivalem.(...) A informação e o conhecimento, de fato, são doravante a principal fonte de riqueza.”(Pierre Lévy, 1996:52,53,54)

A virtualização, promovida pela simbiose entre as finanças internacionais e as redes de tecnologia, teria produzido uma mutação no funcionamento da economia com a substituição do princípio da raridade pela abundância:

“A economia repousa largamente sobre o postulado da raridade dos bens. A própria raridade se funda sobre o caráter destruidor do consumo, bem como sobre a natureza exclusiva ou privativa da cessão ou aquisição. Ora, se transmito a você uma informação, não a perco, e se a utilizo, não a destruo. Como a informação e o conhecimento estão na fonte das outras formas de riqueza e como figuram entre os bens econômicos principais de nossa época, podemos considerar a emergência de uma economia da abundância, cujos conceitos, e sobretudo as práticas, estariam em profunda ruptura com o funcionamento da economia clássica.”(Pierre Lévy, 1996:55,56)

À interpretação de Lévy que vê a sociedade virtual como um universo em expansão, sem limites definidos, Baudrillard contrapõe a imagem de um universo que se contrai, um universo que implodiu. Lévy caracteriza a articulação entre a circulação de bens materiais e a circulação de mensagens como o motor da expansão do universo social contemporâneo, Baudrillard entende que esta articulação gerou um esvaziamento da realidade, pois não somos mais capazes de

distinguir o real do imaginário. A existência de espaços como os hipermercados, organizados para que nos relacionemos com os objetos a partir das imagens a eles associadas (hipermercadorias), gera a fragmentação das cidades modernas e o esvaziamento (indiferenciação) das atividades sociais. O real desertifica-se pois o sentido esvaziou-se:

“Numa área de trinta quilômetros em redor, as setas vão-nos espicaçando em direção a estes grandes centros de triagem que são os hipermercados, em direção a este hiperespaço da mercadoria onde se elabora, sob muitos aspectos uma nova socialidade.(...) Profundamente, trata-se aqui de um outro tipo de trabalho, de um trabalho de aculturação, de confronto, de exame, de código e de veredito social: as pessoas vêm encontrar aí e selecionar objetos – respostas a todas as perguntas que podem fazer-se; ou antes, vêm *elas próprias em resposta* à pergunta funcional e dirigida que os objetos constituem. Os objetos já não são mercadorias; já sequer são exatamente signos cujos sentido e mensagem decifrásemos e dos quais nos apoderássemos; são *testes*, são eles que nos interrogam e nós somos intimados a responder-lhes e a resposta está incluída na pergunta . Todas as mensagens dos media funcionam de maneira semelhante: nem informação nem comunicação, mas referendo, teste perpétuo, resposta circular, verificação do código.

Não existe relevo, perspectiva, linha de fuga onde o olhar corra o risco de perder-se, mas um ecrã total onde os cartazes publicitários e os próprios produtos, na sua exposição ininterrupta, jogam como signos equivalentes e sucessivos. Há empregados apenas ocupados em refazer a parte da frente da cena, a exposição da mercadoria à superfície, onde o levantamento por parte dos consumidores pôde criar algum buraco. O *self-service* contribui ainda mais para esta ausência de profundidade: um mesmo espaço homogêneo, sem mediação, reúne os homens e as coisas, o espaço da manipulação direta. Mas qual deles manipula o outro?”(Jean Baudrillard, 1991: 97,98)

“A forma “hipermercado” pode assim ajudar a compreender o que se passa com o fim da modernidade. As grandes cidades viram nascer, no espaço de aproximadamente um século (1850-1950), uma geração de grandes armazéns “modernos”, mas esta modernização fundamental, ligada à dos transportes, não abalou a estrutura urbana. As cidades continuaram a ser cidades,

enquanto as cidades novas estão *satelizadas* pelo hipermercado ou pelo *shopping-center*, servidos por uma rede programada de trânsito, deixando de ser cidades para se tornarem aglomerações.(...) O hipermercado como *núcleo*. A cidade, mesmo moderna, já não o absorve. É ele que estabelece uma órbita sobre a qual se move a aglomeração. Serve de *implante* aos novos agregados, como o fazem também por vezes a universidade ou ainda a fábrica(...) Com esta fábrica, como com o hipermercado ou a nova universidade, já não nos confrontamos com funções (comércio, trabalho, saber, tempos livres) que se autonomizam e se deslocam, mas com um *modelo de desintegração das funções* , de indeterminação das funções e de desintegração da própria cidade (...).”(Jean Baudrillard, 1991: 100)

A comunicação virtual, organizada como uma tela (ecrã) total, fragmenta o espaço urbano ao desintegrar as funções sociais; sendo responsável , também, pela compressão absoluta do tempo. Para Baudrillard, o virtual é o reino da indiferença, isto é, do esvaziamento da capacidade de se estabelecer diferenças. A circulação de mensagens em tempo real não significaria, como interpreta Lévy, o crescimento da produção de informação e conhecimento, mas a inviabilização da possibilidade desta produção. Como avaliar se uma mensagem é um acréscimo ao conhecimento/informação existentes se com o tempo real a temporalidade (a diferença entre passado, presente e futuro) deixa de fazer sentido?

Baudrillard estabelece uma distinção entre o tempo histórico e o tempo real:

“No tempo histórico, o acontecimento ocorreu e as provas estão aí. Mas não estamos mais no tempo histórico; doravante estamos no *tempo real*, e, no tempo real, não há mais prova de nada.” (Jean Baudrillard, 1997: 72,73)

De acordo com a argumentação desenvolvida em *Tela Total*:

“Não podemos nem imaginar o quanto o virtual já transformou, como que por antecipação, todas as representações que temos do mundo. Não podemos imaginá-lo pois o virtual caracteriza-se por não somente eliminar a realidade, mas também a imaginação do real, do

político, do social – não somente a realidade do tempo, mas a imaginação do passado e do futuro (a isso chamamos, em função de uma espécie de humor negro, de “tempo real”). Estamos, assim, muito longe de ter compreendido a ocorrência do fim do desenrolar da história com a entrada em cena da informação, do fim do pensamento com a entrada em cena da inteligência artificial, etc. (...) Para esclarecer um pouco essa confusão, tomarei o exemplo mais delicado, justamente porque se situa no prolongamento do acontecimento mais assustador e mais ininteligível de nossa história moderna: a exterminação e os que a negam, os negacionistas.(...)

A exterminação nunca será verificada em tempo real. O negacionismo é portanto absurdo na sua própria lógica, mas esclarece pelo próprio absurdo a irrupção de outra dimensão – paradoxalmente chamada tempo real, mas onde precisamente a realidade objetiva desaparece, não somente a do acontecimento presente, mas também a do acontecimento passado e futuro. Tudo se esgotando numa tal simultaneidade que os atos aí não acham sentido, os efeitos não acham suas causas e a história não pode mais aí se refletir.

O tempo real é um gênero de buraco negro onde nada penetra sem ser esvaziado de sua substância. De fato, os campos de exterminação tornam-se aí virtuais e só figuram na tela do virtual: todos os testemunhos, e o *Holocausto* e a *Shoah*, caem, apesar deles, apesar de nós, no mesmo abismo virtual – o de *acontecimentos* ou de fatos que existem o tempo que existem, ponto, nada mais.”(Jean Baudrillard, 1997:71,72,73)

Esvaziado de qualquer sentido, vivendo apenas instantaneamente, o conhecimento/informação que circula em tempo real não é, segundo Baudrillard, capaz de gerar riqueza real. A abundância proclamada por Lévy é fictícia. A potência do “virtual” seria virtual, existe apenas num universo paralelo:

“A potência do “virtual” nada mais é do que virtual. Por isso, aliás, pode intensificar-se de maneira alucinante e, sempre mais longe do mundo dito “real”, perder ela mesma todo princípio de realidade.(...) Mesmo os capitais especulativos não saem quase da própria órbita: amontoam-se e não sabem sequer onde se perder no próprio vazio especulativo.”(Jean Baudrillard, 1997:26)

A argumentação de Baudrillard a respeito da comunicação virtual remete diretamente à problemática epistemológica. Há, nesta argumentação, um questionamento da própria possibilidade da produção de conhecimento: não somos mais capazes de compreender se um “acontecimento” ocorreu ou não. A realidade objetiva teria desaparecido e com ela os processos comunicacionais. Qual seria, então, o estatuto da interpretação de Baudrillard?

Se o “virtual” só existe virtualmente, se a realidade não mais existe (ou pelo menos não é mais acessível às categorias explicativas), a interpretação do virtual só pode ser também virtual, ou seja, auto-referente: um simulacro de interpretação. A interpretação de Baudrillard seria, assim, uma “hiper-interpretação”, uma interpretação que parece mais interpretativa do que as interpretações reais (não simulacionais), esvaziando-as.

Baudrillard desenvolve um sistema de pensamento fechado sobre si mesmo, absolutamente corente, capaz de levar as suas premissas às últimas consequências, decretando o fim do pensamento de modo geral e do seu próprio pensamento. Se não é mais possível pensar o pensamento (a essência da problemática epistemológica), como questionar a interpretação de Baudrillard?

Recusando a sua premissa básica, de que a racionalidade é apenas um instrumento de controle social e de que os processos comunicacionais são somente um veículo deste projeto de dominação social. A abordagem de Baudrillard a respeito da comunicação virtual é coerente com seu ponto de partida, marcado pela unilateralidade: é uma abordagem unidimensional.(3) A possibilidade do uso da racionalidade, e dos processos comunicacionais, para fins de libertação/emancipação é rejeitada pelo sistema interpretativo desenvolvido por Baudrillard. A dimensão contraditória do projeto da modernidade (presença simultânea e conflituosa de elementos de dominação e de emancipação) não encontra espaço.(4)

A rejeição da contradição é inseparável de outra premissa básica, a da “morte do sujeito”. O projeto moderno de controle social autodestruíu-se ao se desenvolver plenamente (nota): a comunicação virtual seria o seu momento culminante e o seu fim. A destruição da modernidade não seria fruto de contradições internas, da luta de sujeitos sociais (indivíduos, grupos, classes sociais) pela libertação/emancipação. A sociedade contemporânea não é composta por sujeitos

sociais diferenciados mas pela massa (homogênea/indiferenciada), incapaz de distinguir o real do imaginário.

O questionamento desta premissa, da indistinção entre o real e o imaginário, é indispensável para uma análise crítica da interpretação da comunicação virtual desenvolvida por Baudrillard. Enquanto um reconhecimento da importância das imagens na sociedade contemporânea, obras como *Simulacros e Simulação* e *Tela Total* podem ser consideradas uma contribuição efetiva para uma melhor compreensão dos processos comunicacionais, particularmente dos vínculos entre a produção/circulação de mensagens e a produção/circulação de bens materiais.

A apropriação crítica de elementos dos textos de Baudrillard depende da rejeição da premissa de que somos incapazes de termos experiências reais, tudo sendo vivido antecipadamente nas várias formas de comunicação, principalmente na comunicação virtual. As diferenças sociais reais (de idade, de gênero, de etnia, de classe social, etc) continuam a existir e não correspondem à imagem destas diferenças transmitidas pelos vários meios de comunicação, por mais sofisticados que sejam os recursos tecnológicos.

É esta diferença, afirmada por exemplo na análise clássica de T. Adorno(1986) sobre a indústria cultural, que possibilita o exercício da crítica da mídia e a existência de sujeitos sociais: a comunicação virtual não significa o fim da comunicação e da possibilidade de compreensão das suas características.

Nada mais longe do pensamento de Lévy do que a negação da possibilidade da produção de informação/conhecimento feita por Baudrillard. Para o autor de *O Que É Virtual?*, o crescimento, trazido pela comunicação virtual, da quantidade de mensagens que circulam socialmente é responsável pela existência da era da abundância (inclusive econômica). A virtualização da sociedade significaria a plena utilização da criatividade humana: não se trata, assim, nem do fim da história, nem do fim da comunicação e nem do fim do pensamento.

A argumentação de Lévy a respeito da comunicação virtual também remete à problemática epistemológica, só que por um caminho oposto ao de Baudrillard. Neste autor, o pensamento implode junto com o seu objeto (o social, a comunicação), desarmando uma perspectiva crítica. Em Lévy, a dimensão virtual do pensamento, isto é, sua abertura permanente,

seu caráter desterritorializado, sua temporalidade voltada sempre para o futuro, é o que dificulta uma abordagem crítica. Se Baudrillard é o profeta do fim, Lévy é o profeta do futuro, do que ainda não existe. Mas como analisar o que ainda não existe.

Recusando o ponto de partida, a premissa básica da interpretação de Lévy, o conceito de virtual. Lévy não pensa o virtual num confronto direto com o real: estabelece relações entre o virtual e o atual. O virtual é a concretização da capacidade criativa presente no virtual. O real é a concretização do que já é possível.

Baudrillard afirma a existência de um processo de esvaziamento do real, substituído pelo virtual (mundo artificial criado pela tecnologia digital). Para Lévy, o real é ontologicamente vazio, pura repetição do que já existe como possibilidade.

O virtual, cuja atualização concretizadora é sempre temporária, é autônomo frente ao real: é de uma abundância virtual, descolada do real, que Lévy escreve quando caracteriza o setor financeiro como o coração pulsante da economia mundial. Por este “coração” circula um capital especulativo, cuja valorização virtual (criação de um valor sempre maior) ocorre descolada do funcionamento real da economia. É desta forma de “produção” de riquezas que a informação e o conhecimento seriam fontes. Trata-se de informação/conhecimento puramente especulativos, autônomos, que dizem respeito às expectativas de comportamento dos agentes do mercado financeiro.

Profeta do (mercado) futuro, Lévy teoriza (desenvolve uma interpretação) favoravelmente à articulação entre o setor financeiro e a comunicação virtual. Esta defesa manifesta-se, por exemplo, quando caracteriza a simbiose entre as finanças internacionais e as redes e a tecnologia de suporte digital como uma manifestação da inteligência coletiva.

O conceito de inteligência coletiva é um dos aspectos positivos da interpretação de Lévy, particularmente se o compararmos com a “morte do sujeito” afirmada por Baudrillard. O reconhecimento da existência de sujeitos coletivos na sociedade contemporânea é uma contribuição importante, a ser apropriada criticamente.

Como reconhece Lévy, a produção e circulação do conhecimento/informação é um processo social. Mas as relações sociais não são homogêneas, são marcadas pela existência de relações de poder. Os sujeitos sociais não participam em igualdade de condições: há os que

possuem o poder de definir socialmente o que deve ser considerado como informação/conhecimento e de que forma este irá circular. Na Internet, os megaportais (Universo On Line, America On Line, Terra, Internet Gratuita, etc.) desempenham este papel.

A comunicação virtual potencializou a dimensão social da produção e circulação do conhecimento/informação, potencializando também a sua apropriação privada, ou seja, o poder dos grandes conglomerados comunicacionais. Trata-se de um fenômeno contraditório, marcado pela desigualdade social, por relações de poder e de dominação. A interpretação de Pierre Lévy não fornece elementos para a compreensão desta dimensão contraditória, atribuindo ao conhecimento/informação uma característica sempre emancipatória/libertadora. A interpretação de Baudrillard, por outro lado, reduz o conhecimento/informação a um exercício de dominação que não funciona mais. Estas interpretações podem, mais uma vez, serem caracterizadas como unilaterais.

Neste artigo, procurou-se investigar a contribuição de Lévy e Baudrillard para a elaboração de uma teoria da comunicação virtual. Esta contribuição existe, mas as interpretações desenvolvidas por estes autores precisam ser apropriadas criticamente. Procurou-se, aqui, sugerir alguns elementos para esta apropriação crítica. O intuito deste trabalho foi o de colaborar para a tarefa, a ser cumprida coletivamente, de elaboração de uma teoria da comunicação virtual.

NOTAS

(1) Lévy e Baudrillard escreveram vários trabalhos sobre o tema da comunicação virtual. Tendo em vista os limites deste artigo, serão analisadas apenas as obras *O Que É O Virtual?* de Pierre Lévy e *Simulacros e Simulação e Tela Total* de Jean Baudrillard.

(2) Segundo Baudrillard, o virtual é a criação de uma realidade artificial que devido à sofisticação tecnológica parece ser mais “real” do que a própria realidade. O virtual é um simulacro, parece ser real mas não é. Esta capacidade da comunicação virtual de simular o real, esvazia o processo comunicacional.

(3) Herbert Marcuse, em *A Ideologia da Sociedade Industrial*, trabalho publicado originariamente em 1964, já argumentava que a unidimensionalidade, o não reconhecimento do



caráter contraditório da realidade social, era a característica dominante na produção intelectual.

(4) A obra clássica a respeito do caráter contraditório da modernidade é *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer.

(5) De modo análogo ao projeto moderno, o pensamento de Baudrillard se autodestrói enquanto pensamento: é um simulacro de interpretação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T.W. – “A Indústria Cultural” in *Adorno*, Gabriel Cohn (org).São Paulo, Ed Ática, Col. Os Grandes Cientistas Sociais No.54, 1986.

ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. – *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

BAUDRILLARD, Jean – *Simulacros e Simulação*. Lisboa, Relógio D’Água Editores, 1991.
- *Tela Total – Mito-Ironias da Era do Virtual e da Imagem*. Porto Alegre, 1997.

LÉVY, Pierre – *O Que É O Virtual?*. São Paulo, Editora 34, 1996.

MARCUSE, Herbert – *A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973, Quarta Edição.